



Está prestes a entrar no palco de uma das mais bizarras farsas da história do mundo, sobre o poder.

UMA PEDRA NO SAPATO
APRESENTA

PAI NOSSO

UM FILME DE
JOSÉ FILIPE COSTA

OS ÚLTIMOS DIAS DE SALAZAR



SINOPSE

Portugal, 1968. Salazar, o ditador fascista que no mundo mais tempo esteve no poder, cai de uma cadeira e tem um AVC. Quando volta ao palacete de São Bento para convalescer, já não é Presidente do Conselho. Mas ninguém lhe contará a verdade: nem a fiel governanta Maria de Jesus, nem as solícitas criadas Aparecida, Socorro e Teresinha, nem o seu médico pessoal. Deseja Salazar derrotar a morte e perpetuar-se no poder? Saberá ele a verdade, secretamente? Como é possível manter a sanidade mental em São Bento?

ELENCO

JORGE MOTA SALAZAR
CATARINA AVELAR MARIA DE JESUS

VERA BARRETO APARECIDA
CAROLINA AMARAL TERESINHA
CLEIA ALMEIDA SOCORRO

GUILHERME FILIPE EDUARDO COELHO
MARQUES D'AREDE CARDEAL CEREJEIRA
JOÃO LAGARTO AMÉRICO THOMAZ
PIERRE ENSERGUEIX ROLAND FAURE
DANIEL MARTINHO MANUEL NAZARÉ
BRUNO SCHIAPPA FISIOTERAPEUTA
FLÁVIA GUSMÃO CABEÇA FALANTE 1
LEANDRO PIRES CABEÇA FALANTE 2
FRANCISCO PESTANA CORREIA DE OLIVEIRA
ADRIANO CARVALHO JOAQUIM CUNHA
JOÃO VILLAS-BOAS REALIZADOR
FRANCISCO SOUSA ESPÍRITO SANTO

EQUIPA

**ARGUMENTO DANIEL TAVARES, JOSÉ FILIPE COSTA,
LETÍCIA SIMÕES**

1º ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO NUNO MILAGRE

DIRECTOR DE FOTOGRAFIA VASCO VIANA

DIRECTOR DE SOM RAFAEL GONÇALVES CARDOSO

DIRECTOR DE PRODUÇÃO FREDERICO MESQUITA

DIRECTORA DE ARTE CLÁUDIA LOPES COSTA

FIGURINISTA PATRÍCIA DÓRIA

CARACTERIZAÇÃO MARIA ALMEIDA (NANI)

CABELEIREIRA MARISA MARQUES

MONTAGEM JOÃO BRAZ

COLORISTA RITA LAMAS

**MONTAGEM E MISTURAS DE SOM CARLOS
ABREU**

VFX IRMÃ LÚCIA

MÚSICA ORIGINAL JOÃO GODINHO

REALIZADO POR JOSÉ FILIPE COSTA

PRODUZIDO POR FILIPA REIS

NOTA DE INTENÇÕES DO REALIZADOR

Porque fizemos este filme?

O que me interessou logo, à partida, nos últimos dias da vida de Salazar, não foi a figura do ditador que durou 40 anos no poder, mas a farsa montada pelas personagens para o ajudarem a acreditar que ainda era o Sr. Presidente: os que mais o reverenciam e são seus íntimos, são também os que constroem uma peça teatral bizarra e delirante, num palco que é a residência oficial do Presidente do Conselho. Salazar é a personagem principal, mas também o seu encenador. É isto que nos pasma e espanta: que dilemas enfrentam estas personagens que mentem nesta farsa? Não lhes pesa o dever de consciência de contar toda a verdade ao seu ditador? Como é que estas personagens, obedientes à moral religiosa e aos bons costumes do regime fascista, não são dilaceradas pelas contradições mais violentas?

Algo que me fascina no cinema é as personagens afirmarem algo com as palavras e dizerem coisas completamente diferentes com o corpo. Ou proferirem palavras de grande felicidade e nós sabermos que arde um grande inferno na sua mente. São atormentadas por dúvidas, dilemas, paradoxos, tudo de impossível resolução, porque elas construíram as suas próprias barreiras e os seus interditos. A história da agonia de Salazar nos últimos tempos, faz-nos ver o espetáculo trágico-cómico da vida humana, em toda a sua pujança.



A vida das personagens está cheia de não ditos e dissimulações – um faz de conta contínuo. Por exemplo, a governanta D. Maria que cumpre e faz cumprir deveres, mantém as aparências de uma vida normal: as cartas enviadas ao Sr. Presidente que abre para vigiar o seu conteúdo; os ovos que recolhe do galinheiro, que mandou construir em São Bento; as injeções que vieram da Alemanha nazi, que é preciso dar para apaziguar o Sr. Presidente. Há que manter as aparências, custe o que custar.

Salazar é um ditador muito peculiar, quando comparado com Mussolini ou Hitler. Afirma detestar as multidões. E deseja ser um Presidente invisível. Em Pai Nosso, quisemos explorar essa invisibilidade que é, afinal, exuberante. Salazar está doente, mas deseja chegar aos mais recônditos cantos das almas dos portugueses. Faz de conta que não quer açambarcar o poder. Mas é o que mais deseja. Custa-lhe desapegar-se da vida. Pois ele quis e quer ser sempre o Presidente dos portugueses, imbuído de uma missão salvadora. Ele liberta os povos primitivos dos seus costumes

atávicos e trá-los para a civilização. Ele é o corpo que une esse grande Portugal, que inclui as colónias de Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, e até Goa.

Salazar também foi nisso muito peculiar: a modernidade assusta-o. E repele-a. O comunismo é uma erva daninha, mas o relativismo cultural e os costumes dissolutos do capitalismo americano, não são alternativa que valha. Vive Portugal como uma grande aldeia. Nela, ouve o som apaziguador das galinhas semelhantes aquelas na capoeira nos jardins de São Bento; sonha a vida simples da família tradicional que trabalha honestamente na terra. Salazar é a garantia da pequena felicidade.

Mas este fascismo está cheio de paradoxos. Ele é, afinal, uma máquina auto-devoradora. Come até aqueles que foram os seus criadores. Em Pai Nosso é tudo tão aberrante, tão absurdo que importa perguntar: são um ditador e um regime capazes de ensandecer? São capazes de jogar um jogo extremamente perigoso e perverso, para não perderem o poder nos tempos de hoje? Sim, são. São capazes de matar e destruir, debaixo de uma loucura inexplicável? Sim, são.

Este é o filme que afirma: ao Sr. Presidente ninguém lhe disse oficialmente que ele já não governava mais! Roubaram-lhe a identidade, mas renovaram-lhe a vida hoje. Não paira sob as nossas cabeças como um fantasma? Não assume ele a pele de determinados rostos e partidos hoje? Ele ainda está vivo. Ninguém lhe disse, no fim de contas, que tinha perdido o poder. E ele está aí para nos controlar.

Das notas de médico ao delírio

Este filme começou por se basear sobre os diários do médico pessoal de Salazar, Eduardo Coelho, que o acompanhou até à sua morte em São Bento.



Depois descolou progressivamente dessa “realidade” diarística e ganhou asas. Trabalhámos com os actores, nunca querendo copiar as figuras da vida real. Quisemos explorar a fantasia na representação. Não nos interessa o biopic hiper-realista, com personagens cheias de maquilhagem e próteses, que são semelhantes nos rostos, nos gestos e nas vozes às figuras que conhecemos da História.

À medida que avançámos na rodagem, deu-nos gozo a experimentação visual e sonora de certas cenas que recriam os mundos delirantes na mente e na casa do Sr. Presidente. É até possível que o espectador pense que algumas dessas cenas são o fruto alucinado da nossa imaginação. Mas não, alguns episódios estão, por mais estranho que pareça, escritos no diário do Dr. Eduardo Coelho. Salazar e as personagens de Pai Nosso estão sempre a um passo do abismo da loucura, mas nunca quebram as normas sociais, nem certos princípios de convivialidade. É certo que D. Maria bate nas suas criadas. Mas não é nada que saia da normalidade e da ruralidade que Salazar sonhava para dentro do seu país e dentro da sua casa.

Quando escrevemos, rodamos ou montamos Pai Nosso nunca pensamos estar a filmar o fascismo. Mas era este que se insinuava nos gestos, nos silêncios e nos rostos das personagens. O fascismo das pequenas coisas, das relações de poder e da dependência entre as personagens: quem é quem, quem pode fazer o quê, quem manda em quem naquele espaço. A pequena violência fascista do dia-a-dia é capaz de infundir cada som e cada imagem – na poltrona, onde se senta Salazar, na oração sussurrada, mas também na injeção de uma substância inventada no regime nazi. Sempre, sem dar o significado que as coisas têm por palavras. Sempre deixando que os silêncios se abatam sobre as coisas.

PERSONAGENS

Salazar

Salazar oferece-se à ficcionalização de forma bastante simples: nasce na aldeia do Vimieiro, Santa Comba Dão, em 1889 e morre na residência oficial do Presidente do Conselho, em Lisboa, em 1970. Desde que esteve no governo, primeiro como Ministro das Finanças em 1928 e depois em 1932, como Presidente do Conselho, exerce de forma discreta o seu poder, mas sempre com mão de aço. Não é histriónico, gesticulador, magnetizador de multidões, como Mussolini e Hitler, mas paradoxalmente, instala-se no coração de cada português. Ele é a incorporação da Nação. Ele é o pai providencial que defende a insígnia “Deus, Pátria Autoridade”. Ele é o salvador de Portugal que o liberta de combater na Segunda Guerra Mundial. E é, acima de tudo, a figura tutelar que assegura a coesão territorial do grande Portugal. Quando as grandes potências europeias devolvem as colónias aos independentistas, Salazar afirma-se a si e ao país como “orgulhosamente sós”. O conflito armado que estala, de forma oficial, em 1961 com os movimentos pró-independência de Angola, Cabo-verde, Moçambique e Guiné-Bissau para ele não terá fim: quer o sacrifício total até ao último soldado. Quando substituído por Marcelo Caetano em 1968, Salazar contava 40 anos no poder. Segundo um dos seus biógrafos e ministro dos Negócios Estrangeiros, Franco Nogueira, Salazar foi “escravo da invenção de um ditador que não abdica do poder e que da lei da morte se libertou.” E a sua sombra projetou-se por mais 8 anos, até a irrupção da Revolução do 25 de Abril, que põe fim à mais longa ditadura fascista do mundo. Hoje Salazar é celebrado em sites, em páginas do Facebook, por indivíduos e organizações. O mesmo que disse: “Quero este país pobre, se for necessário, mas independente – e não

o quero colonizado pelo capital americano.” E é a figura virtual dele que se levanta de novo, nos 50 deputados do partido de extrema-direita eleitos para a Assembleia da República, nas últimas eleições legislativas realizadas em Portugal.



Maria de Jesus

Em 1938, fugindo aos trabalhos rurais, começa a trabalhar na casa que o jovem Salazar partilha com o seu amigo padre Manuel Cerejeira, em Coimbra. É analfabeta, mas controla com disciplina férrea as despesas domésticas na casa dos professores que, na altura, já são catedráticos. A Maria de Jesus em que Pai Nosso se inspira é austera, poupada, competente. Seca, incapaz de um afecto ou de algo que saia da sua rotina sacrificial, transfere-se de Coimbra para Lisboa para continuar a servir Salazar, com zelo e desvelo. E é na capital que se alfabetiza, para obter o passaporte apenas concedido a quem saiba ler e escrever. É este o único meio que lhe abre as fronteiras para visitar um dos irmãos no Brasil.

Com o tempo, Maria torna-se confidente, secretária e

governanta de Salazar, em São Bento. É uma agente secreta, que confia boatos e rumores, tantos os que ouve dos mais altos poderes, como das vendedoras com quem regateia preços no mercado. Maria está à vontade com Salazar para opinar sobre ministros, embaixadores e empresários. Fala à vontade com os homens do poder, mas sempre sem extravasar muito a linha que a confina à sua classe social. Ofender Maria de Jesus significava ofender Salazar. A governanta tem-lhe uma obediência canina, uma adoração infinita. É uma primeira-dama de faz de conta e a grande responsável por orquestrar o seu retorno à farsa que acontece em São Bento. Diz-se que, às vezes, ditava a Salazar as receitas culinárias que eram transmitidas por amigas ao telefone e que ele afincadamente escrevia num papelinho. Também ia com Salazar espreitar através das janelas nos interiores de São Bento, quais eram os ministros, secretários, embaixadores que puxavam de um cigarro e fumavam ao sair para o exterior. Era o passatempo favorito deles, para recriminar os fumadores inveterados. Maria faz instalar uma capoeira nos jardins de São Bento para perus, patos, pombos e coelhos. A capoeira chega a contar com 500 galinhas. A horta que cria nas imediações serve tanto para consumo interno, como externo, tal como os ovos que manda vender ao hotel Aviz. É preciso equilibrar a economia doméstica. É preciso que o poder não lhe saia das mãos, nos últimos tempos de Salazar. Mas é isso que lhe sucede, enquanto o patrão agoniza. Quando este morre, Marcello Caetano avisa-a que tem uma semana para sair de São Bento. Um período muito curto para deixar a casa, a sua capoeira e a horta e que significa bem o lugar que Maria tinha naquela charada.



Eduardo Coelho

Médico pessoal de Salazar, escreve entradas nos seus diários em 1968-70, que seriam ao tempo violentamente proibidas pela Censura, caso extravasassem para o exterior. Só são reveladas em livro, após a libertação da revolução do 25 de Abril em 1974. Eduardo Coelho é a primeira figura dentro de São Bento, que durante a farsa, é posto sob os olhos perscrutadores do regime. Os seus boletins médicos são censurados. O seu telefone é colocado sob escuta. E ele não faz mais do que representar um papel que em Pai Nosso é-lhe atribuído pela ficção, sem despegar da sua realidade atribulada. Esvaziado de poder, torturado, atingido nas suas convicções mais profundas pelo silêncio imposto sobre São Bento, não deixa de ser um devoto salazarista – o seu amigo. Mas abandonado e apossado pelo regime que Salazar ajudou a criar, tudo lhe terá parecido uma extravagância e desprovido de sentido. Quando entrevistei o seu filho António Macieira Coelho, não esqueço como o filho recorda o efeito deste faz-de-conta sobre o pai: devastador, a ponto do pai nunca ter sido a mesma pessoa, depois daquilo que essa experiência lhe exigiu. A violência do não-dito,

do dissimulado, das aparências – o fascismo nos seus mais pequenos gestos. Eduardo Coelho faleceu poucos meses depois da revolução do 25 de Abril de 1974.

Marcello Caetano

Em Pai Nosso, a personagem inspirada em Marcello Caetano é apenas uma voz, sem corpo, na rádio que se ouve ao fundo, em duas cenas do filme. Ele é o ausente presente. Nunca visita Salazar nos seus últimos tempos, o seu ex-professor e o seu chefe, quando foi ministro das Colónias (1944–1947 e ministro da Presidência do Conselho de Ministros (1955–1958). Quando nomeado Presidente do Conselho em 1968, na sequência da doença do ditador, é insensível à tragicomédia de Salazar. Invoca-o como exemplo inspirador, em discursos feitos em Portugal e nas colónias – Marcello Caetano é o primeiro chefe de governo português a colocar os pés nas províncias ultramarinas, onde Salazar nunca aterrara. Caetano é o arauto de evolução na continuidade. Diz não querer ser um “ditadorzinho”, num dos discursos ouvidos na rádio, em Pai Nosso, mas as muitas instituições repressivas salazaristas, continuam a funcionar sob a sua égide.



Cardeal Cerejeira

Em Pai Nosso, a personagem inspirada no Cardeal Cerejeira, surge duas vezes. Na cena do jantar com o casal inglês e a dar a extrema-unção ao seu amigo. Não assistimos ao ritual, que foi cortado da cena, mas vemos a mão de Salazar que agarra a de Cerejeira, sem querer deixá-lo ir. Foram anos de companheirismo entre os dois, desde o tempo em que partilharam casa em Coimbra, nem sempre isento de tensões. No entanto, o Cardeal Cerejeira encarnava o grande poder da Igreja Católica que penetrou as estruturas de poder e os hábitos e costumes da sociedade portuguesa, profundamente. E foi a Igreja Católica que, por sua vez, susteve a existência do regime. Salazar e Cerejeira são ainda hoje duas figuras fantasmáticas que pairam sob Portugal.

Roland Faure

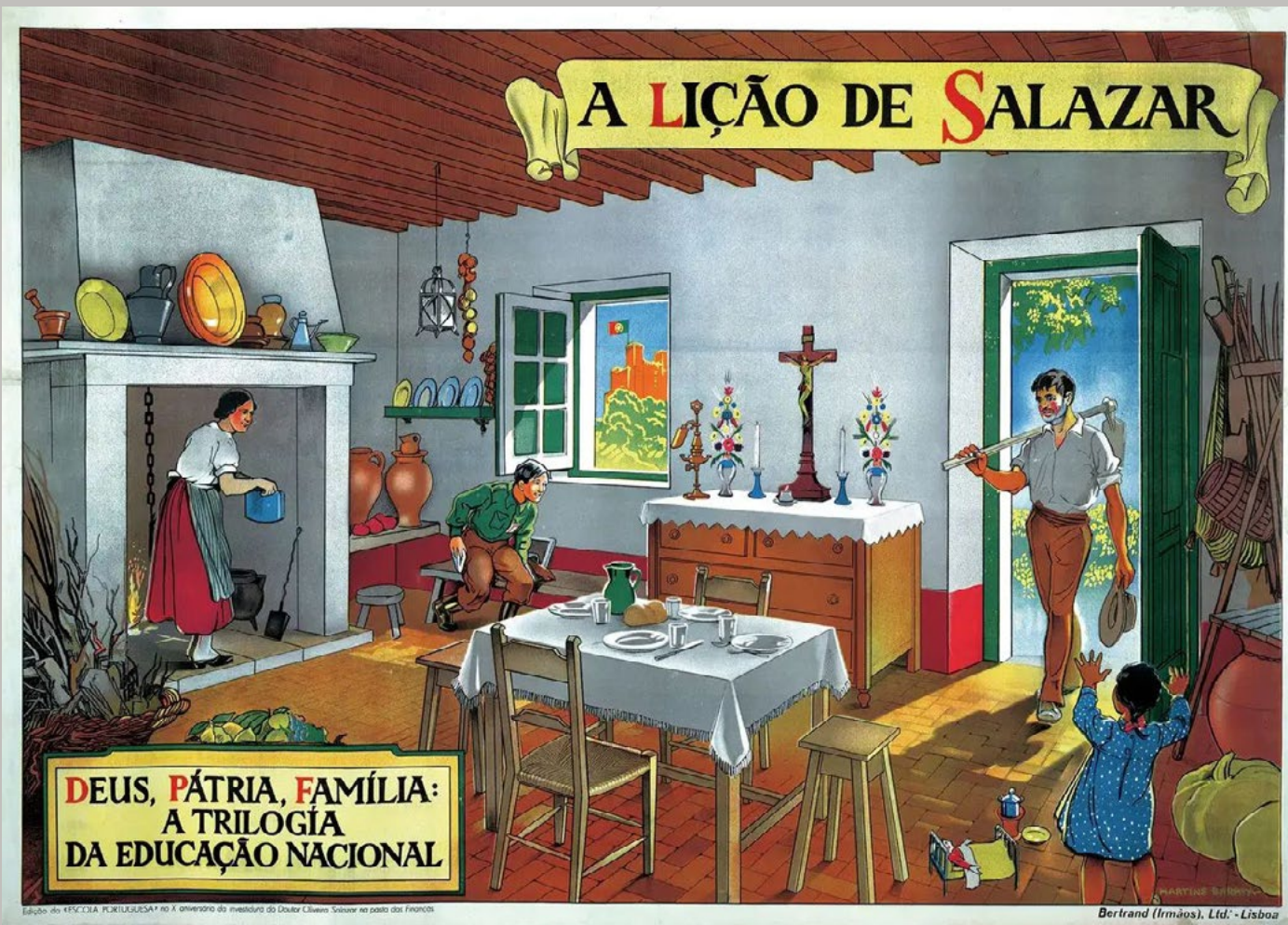
Roland Faure, chefe de redacção do jornal diário francês “L’Aurore” esteve em Lisboa, no Verão de 1969, para entrevistar Marcello Caetano e Salazar, sem que um soubesse do outro. “L’Aurore” não escondia a sua inclinação pelo regime salazarista. Com o objetivo de escrever um balanço sobre a vida política do país, Faure acabou por fazer manchete com Salazar que desconhecia já não ser Presidente, no número em que publica a entrevista com este. Todos os números dos jornais “L’Aurore” são apreendidos em Portugal, pela Censura.



FOTOGRAFIAS



Versão francesa do cartaz de propaganda do regime salazarista, de 1934: a sobreposição dos mapas das colónias portuguesas de Angola, Moçambique, Guiné, Timor e Goa sobre o mapa da Europa, para demonstrar a grandeza geográfica do Império. No mapa não estão representados Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Macau.



A Lição de Salazar, cartaz de 1938 para ser comentado pelos professores nas escolas primárias. Em baixo, no canto esquerdo lê-se "Deus, Pátria, Família: a trilogia da educação nacional".



Fotografia de Salazar sentado na sua poltrona, de saída do hospital em Lisboa, para retornar a São Bento, residência oficial do Presidente do Conselho, quando já não era Presidente.

**“Em cada
ser humano,
há um fascista a
implorar para sair
de dentro dele.”**

Cass R. Sunstein

Authoritarianism in America, 2018

BIOGRAFIA DO REALIZADOR

José Filipe Costa é argumentista, realizador e professor. Escreveu e realizou vários filmes, entre os quais “Prazer, Camaradas!” (2019), “Linha Vermelha” (2011), “Entre Muros” (2002) presentes em festivais de cinema, como Festival de Locarno, BFI London Film Festival, Viennale, Cinéma du Réel, PlanetaDoc, Fórumdoc.bh, IndieLisboa e DocLisboa, entre outros, e com exibições em vários canais de televisão, como RTP, Futura-Brasil e ZDF-Arte. Enquanto argumentista trabalhou em filmes de Pedro Pinho, Filipa Reis e João Miller. Tem lecionado em várias instituições de ensino. Foi professor visitante na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2013). É doutorado pelo Royal College of Art, Londres.

Filmografia

Pai Nosso - Os últimos dias de Salazar, 2025

Prazer, Camaradas!, 2019

O Caso J., 2017

Linha Vermelha, 2011

A Rua, 2008

Domingo, 2005

Entre Muros, 2003

Senhorinha, 2001

BIOGRAFIA

UMA PEDRA NO SAPATO

Produtora independente sediada em Lisboa, fundada em 2008 pela realizadora Filipa Reis. As mais recentes produções incluem: GRAND TOUR de Miguel Gomes (Prémio de Melhor Realizador na Competição Oficial de Cannes, 2024), OURO NEGRO de Takashi Sugimoto (vencedor do Prémio Especial do Júri no Tallin Black Nights - PÖFF, 2024), BANZO de Margarida Cardoso (Karlovy Vary IFF - Competição Oficial, 2024), UBU de Paulo Abreu (Mar del Plata IFF - Competição Oficial, 2023), BAAN de Leonor Teles (Locarno - Competição Oficial, 2023), LÉGUA de Filipa Reis e João Miller Guerra (Quinzena dos Cineastas, Cannes 2023), GREAT YARMOUTH – PROVISIONAL FIGURES de Marco Martins (San Sebastián – Competição Oficial, 2022) e DIÁRIOS DE OTSOGA de Miguel Gomes e Maureen Fazendeiro (Quinzena dos Realizadores, Cannes 2021), com destaque para o prémio Urso de Ouro na Berlinale Shorts 2016 por BALADA DE UM BATRÁQUIO de Leonor Teles.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

Género: Longa-metragem de Ficção

Duração: 113 minutos

Imagem: Cor

Aspect Ratio: 1.85

Frame Rate: 24 fps

Resolução: 2K

Formato Exibição: DCP

Som: 5.1 Surround Sound

País: Portugal

Ano: 2025

Genre: Feature Length Fiction

Length: 113 minutes

Image: Color

Aspect Ratio: 1.85

Frame Rate: 24 fps

Resolution: 2K

Screening Format: DCP

Sound: 5.1 Surround Sound

Country: Portugal

Year: 2025

CONTACTOS

PORTUGAL FILM - Distribuição e Vendas Internacionais

Ana Isabel Strindberg (Festivais)

dir@portugalfilm.org

Tel: +351 965 195 255

Miguel Valverde (Vendas)

sales@portugalfilm.org

Tel: +351 919 204 722

Tel: +351 213 466 172

www.portugalfilm.org

MAKNA PRESSE - Imprensa Internacional

Chloé Lorenzi

Marie-Lou Duvauchelle

festival@maknapr.com

+ 33 (0)6 71 74 98 30

UMA PEDRA NO SAPATO

Distribuição

Leonor Pacheco

distribution@umapedranosapato.com

Produção

info@umapedranosapato.com

www.umapedranosapato.com

+351 211 913 524

com o apoio financeiro de:



com o apoio de:



parceiro para a sustentabilidade:



distribuição e vendas:



© 2025 Uma Pedra no Sapato

